



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MOACIR PEREIRA JÚNIOR

ESPORTES NO ÂMBITO ESCOLAR:
TRANSFORMAÇÕES DIDÁTICAS E PEDAGÓGICAS

Florianópolis-SC
2009

MOACIR PEREIRA JÚNIOR

**ESPORTES NO ÂMBITO ESCOLAR: TRANSFORMAÇÕES DIDÁTICAS E
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física – Hab. Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação Física.

Orientador: Professor Ms. Carlos Luiz Cardoso

Florianópolis-SC

Junho de 2009

MOACIR PEREIRA JÚNIOR

**ESPORTES NO ÂMBITO ESCOLAR: TRANSFORMAÇÕES DIDÁTICAS E
PEDAGÓGICAS**

Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis-SC, 10 de junho de 2009.

Professor Ms. e Orientador Carlos Luiz Cardoso

Universidade Federal de Santa Catarina

Professor

Universidade Federal de Santa Catarina

Professor.....

Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha amada Juliana Karasiak Saliba e a todos os profissionais de Educação Física.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a minha família que me apoiou desde o início do curso de Educação Física, ao professor Carlos Luiz Cardoso pela orientação desta pesquisa e pela amizade ao longo da graduação, ao professor Paulo Marcelo Soares de Macedo por não ser somente um professor e sim um grande amigo, a minha querida Juliana e aos meus bons amigos Gabriel Ramos e Stefan Sinigaglia que estiveram comigo nos momentos mais difíceis.

A todos vocês meus mais sinceros agradecimentos que tornaram esse dia uma realidade.

RESUMO

O foco desta análise é estudar os objetivos dos esportes dentro do âmbito escolar. Para que isso ocorra é necessário abordar quais as funções do professor de Educação Física bem como a sua prática pedagógica. O professor deve se ater aos objetivos dos esportes que não são somente o treinamento de destrezas físicas e técnicas e sim o ensinamento de valores que vão além disto. Desenvolver os esportes com a intenção de ensinar além de destrezas técnicas é propor a transformação didático-pedagógica dos esportes que indubitavelmente trarão aos alunos vivências de sucesso e maior exploração da cultura de movimento. Os esportes transformados didático-pedagógicamente dentro do plano da Concepção Pedagógica Crítico-Emancipatória e Didático Comunicativa propiciam avanço nas qualidades físicas e características que diz respeito ao afetivo e cognitivo do aluno como autoconfiança, determinação, companheirismo, coletividade, respeito, emancipação, entre outras. Para que essa transformação ocorra o profissional de Educação Física precisa resgatar o contexto sócio-cultural dos alunos e utilizar nas suas aulas e romper a barreira do esporte com vistas ao rendimento e a competição incentivando os alunos a praticar os esportes por lazer e prazer. Este estudo também registra uma pesquisa de campo com observações de aulas práticas de Educação Física e um questionário com o profissional visando atender a proposta deste trabalho.

Palavras Chave: *Educação Física, Transformações, Didática.*

SUMÁRIO

	Pg.
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	
1.2 JUSTIFICATIVA.....	
1.3 OBJETIVOS.....	
2 DESENVOLVIMENTO DO REFERENCIAL TEÓRICO.....	
2.1 PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	
2.1.1 Prática do professor de educação física.....	
2.1.2 Características do professor e do aluno.....	
2.2 O “MOVIMENTAR-SE HUMANO”	
2.3 JOGOS E BRINCADEIRAS: EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ?	
2.4 O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NA ESCOLA	
2.5 ENSINO DOS ESPORTES NO PLANO DA CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA E DIDÁTICO COMUNICATIVA.....	50
2.6 TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO ESPORTE	
2.6.1 Características e funções do esporte	
2.6.2 Como transformar o esporte do ponto de vista didático-pedagógico	
3 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	
3.1 TIPO DE PESQUISA	
3.2 COLETA DE DADOS	
4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	
4.1 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS	
4.1.1 Observação de aula do 1º ano do ensino fundamental	

4.1.2 Observação de aula do 2º e do 3º ano do ensino fundamental

4.1.3 Observação de aula do 5º ano do ensino fundamental

4.1.4 Observação de aula do 6º ano “A” do ensino fundamental

4.1.5 Observação de aula do 6º ano “B” do ensino fundamental

4.1.6 Observação de aula do 7º ano do ensino fundamental

4.2 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

**5 REFLEXÕES A CERCA DO PAPEL DO PROFESSOR, DAS AULAS E DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS

7 REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

Os esportes atualmente são vistos como uma fonte essencial na formação humana, porém é preciso saber introduzir os esportes na escola de uma forma que alcance os objetivos traçados pelo professor.

O que se refere especialmente à escola é o esporte tratado através do alto rendimento sem buscas nos valores que possam ser absorvidos nas práticas esportivas. Um esporte, não necessariamente precisa ser tematizado com vistas ao rendimento, mas com intuito de desenvolver competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados.

O esporte é realizado predominantemente de forma cada vez mais normatizada e padronizada visando atender o rendimento cobrado pelas sociedades industriais. Dessa forma, os esportes precisam ser tratados sem vistas ao rendimento e à competição. O que mais se percebe na aula de Educação Física é que os esportes são desenvolvidos como um ensaio para o esporte formal e técnico.

1.2 JUSTIFICATIVA

É válido lembrar que a Educação Física é uma disciplina curricular obrigatória, por isso se vai a aula para aprender e não para treinar. O aluno pode treinar uma modalidade esportiva em um outro momento fora do contexto escolar, mas a aula

de Educação Física não serve para ensinar os esportes de maneira competitiva e concorrente.

Muitas vezes o contexto o qual a escola está inserida não é levado em consideração nas aulas de Educação Física. É importante trazer as questões antropológicas dos alunos para dentro da aula na tentativa de criar elementos para o desenvolvimento da aula mais “palpável”, para que o aluno se sinta dentro da escola como se estivesse brincando na rua, por exemplo.

Evidente que o alto rendimento não é negado, porém o grande enfoque é a sistematização do esporte, tratá-lo apenas como repetitivo e mecanizado. O esporte não deve ser algo apenas para ser praticado e sim para ser estudado.

Sendo assim, este estudo visa preocupar-se com o desenvolvimento dos esportes no âmbito escolar e suas funções dentro da aula de Educação Física.

1.3 OBJETIVOS

Apresenta-se uma proposta didático-pedagógica para a Educação Física centrada nos ensino dos esportes, sem desmerecer as relações culturais fora da escola. Portanto, é um trabalho com a finalidade de contribuir nos avanços didático-pedagógicos da Educação Física.

Serão discutidos vários assuntos norteadores como: papel de professor de Educação Física e sua prática pedagógica, características do professor e do aluno, o “Movimentar-se” humano, as brincadeiras e os jogos.

Além disso, serão tratadas nessa pesquisa as questões do esporte de alto rendimento bem como suas possibilidades de transformação didático-pedagógicas. Entende-se que através da transformação didático-pedagógica do esporte o aluno pode ter uma melhor organização da realidade da modalidade em questão e proporcionar vivências que não se restrinja apenas à mecanização dos movimentos.

Para transformar os esportes é preciso relevar as experiências anteriores dos alunos, condições locais como materiais e estrutura e também a organização do ensino da escola.

Os objetivos a serem alcançados por essa transformação é que o aluno pode ter uma formação humana aprendendo valores dentro da aula de Educação Física, como cooperação, coletividade, auto-confiança, determinação, prazer pela atividade física, ou seja, sua formação humana.

Para melhor explicação no que se refere essa pesquisa, buscou-se ir a campo e foram feitas observações de aulas práticas de Educação Física e um questionário com o profissional. Posteriormente foram feitas reflexões acerca dessa parte de pesquisa de campo.

Por fim, é de suma importância destacar que na Educação Física escolar, em especial de 1ª a 4ª série do ensino fundamental é essencial trabalhar não só o movimento puro, mas também as questões afetivas, cognitivas, sociais entre outras. Através da transformação didático-pedagógica do esporte pode-se alcançar esses objetivos nas aulas de Educação Física.

Com isso, esta presente pesquisa tem como objetivos expor o desenvolvimento do esporte como conteúdo da aula de Educação Física, a importância do profissional da área e as possíveis mudanças no que diz ao esporte dentro da aula de Educação Física.

2. DESENVOLVIMENTO DO REFERENCIAL TEÓRICO

Busca-se aqui o aprofundamento das questões teóricas norteadoras acerca de vários assuntos, desde a função do profissional de Educação Física às possibilidades de transformações didático-pedagógicas dos esportes.

2.1. PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cada vez mais o profissional de Educação Física assume um papel importante dentro do âmbito escolar. Os alunos atualmente têm o professor de Educação Física não apenas como mais um professor, eles consideram o profissional de Educação Física como um amigo leal com o qual podem contar sempre com a sua ajuda.

2.1.1. Prática do professor de educação física

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é um componente obrigatório na Educação Básica em todo território brasileiro, mesmo que não seja mantida pelo estado. A Educação Física ajusta-se às faixas etárias e às condições dos estudantes, de modo a contribuir para o desenvolvimento da formação do educando.

Compreender a Educação Física e compreender o processo educacional em sua totalidade significa que, é preciso construir uma Educação Física que seja para todos os alunos e se realize com todos os alunos.

Não basta somente termos o conhecimento das leis que regem sobre a Educação Física, é preciso informação para que possamos propiciar as discussões democráticas sobre os entendimentos educacionais que nos levarão a enfrentar os desafios, a atender a todos os segmentos da sociedade e a contribuir com o universo escolar.

Trata-se de um alerta para que nos mobilizemos e realizemos o que de fato acreditamos ser a educação. Nesse sentido, é necessária a preocupação com a carreira dos professores, resgatar as experiências profissionais e sugerir novas alternativas na carreira profissional docente. A esse respeito, Shigunov (2001, p. 22) afirma que:

A preparação para o desenvolvimento de uma prática pedagógica consciente ocorre devido a vários fatores, tais como: a sua formação inicial; a sua participação em programas de formação continuada; as dificuldades pedagógicas diárias que impedem a atuação considerada como ideal.

O mais importante dentro da aula de Educação Física é o desenvolvimento do aluno de forma integral, tanto intelectual quanto social e moral e não somente passar conhecimentos instrumentais. Um professor que tem uma concepção educacional que visa a uma formação mais ampla envolvendo a emancipação e a cidadania, ficará preocupado em como introduzir elementos para alcançar os seus objetivos.

A Educação Física deve ter o compromisso de resgatar o pensar sobre as questões históricas e filosóficas do passado para repensar a prática docente e proporcionar melhorias na metodologia aplicável nas aulas de Educação Física.

O desenvolvimento da prática pedagógica, segundo Shigunov (2001), visa uma Educação Física conscientizadora e que possa problematizar a realidade social, através do contexto sócio-cultural inserido, e assim, poderá formar alunos realmente críticos e participativos na sociedade.

Enfim, Kunz (1999) acredita que a constituição de um método de ensino e o agir metodológico do professor são as características mais marcantes da Educação

Escolar. É por causa deles que o ensino se desenvolve no tempo e no espaço escolar de forma sistemática, planejada e evolutiva.

2.1.2 Características do professor e do aluno

A criança, o jovem, o aluno inserem-se, segundo Kunz (2002), no mundo social através das suas características culturais e lingüísticas do seu meio, gerando dessa forma o seu “eu autônomo”, por meio deste, o aluno passa a desenvolver uma série de interesses, desejos, curiosidades, iniciativas para entender, construir e modelar o mundo em que se encontra.

Todos os alunos sejam eles crianças ou adolescentes, possuem uma carga de sensibilidade, percepções, intuições que irão se desenvolver conforme o grau de oportunidades de vida, vivências, experiências constituídas por uma prática espontânea e livre e cabe a nós, profissionais de Educação Física, dentro da aula de Educação Física, proporcionar a maior quantidade possível de experiências com o intuito de explorar o “eu autônomo”.

O aluno deve ser desenvolvido em sua totalidade, nas faculdades físicas e cognitivas, de modo a fortalecer características como: força de vontade, respeito, participação, cooperação, solidariedade, entre outros. Garantir aos alunos, competência, transmissão de conhecimentos e acima de tudo educação, é característica fundamental da nossa profissão e da nossa prática docente. Por isso:

Entende-se que uma formação geral e ampla deve atender a uma formação educacional e cultural que leve o aluno a compreender melhor o mundo em que vive e a se capacitar para nele intervir, e se tornar elemento propulsor de um processo que resulta em mudanças e transformações para uma vida melhor para todos. (KUNZ, 1999, p. 72).

Para que os objetivos de um planejamento de aula sejam alcançados é preciso levar em conta alguns aspectos que possam auxiliar no andamento do processo de ensino-aprendizagem e garantir as características mencionadas acima, esses aspectos implicam: Conhecimento da turma, conhecimento profundo do conteúdo que ensina, conhecimento de procedimentos básicos coerentes com a natureza dos

conteúdos, conhecimento do valor da relação professor-aluno como facilitador da aprendizagem, conhecimento da importância do trabalho como professor dentro e fora da sala de aula (KULLOK, 2002).

É necessária a valorização da atividade profissional e enfatizar a importância do aprender, ou seja, procurar o crescimento e desenvolvimento do aluno em sua totalidade. Quando se age dessa forma, crê-se que a aprendizagem não é algo mecânico nem repetitivo e sim aquisição de novos valores e significados.

Para Kullo (2002), o professor deve ser visto como alguém que está em contínua formação, em processo reflexivo, pois os alunos valorizam professores que alternam comportamentos entre firmeza e tolerância, autoridade e liberdade, formal e informal, demonstrando na prática o gosto de serem educadores.

E para sintetizar, constrói-se o mundo de vida, experiências e vivências através de fatores externos, lendo e ouvindo especialistas em todas as áreas, a partir disso há a inclusão como seres sociais, culturais e espirituais.

Lembrando que nós, como pessoas adultas, nos apresentamos também às crianças e jovens como especialistas. Especialistas de tudo, o que é pior. Fica difícil a crianças e jovens, no mundo atual, terem vivências e experiências diretas com a natureza das coisas, com os outros do seu meio, já que nem nas pessoas que elas julgam responsáveis, como pai/mãe ou professor(a), transparece tal vivência ou experiência. (KUNZ, 2002, p.22).

O que tanto quero ressaltar é que a Educação Física é considerada uma disciplina que promove, através de atividades físicas, seu desenvolvimento físico-motor. Todavia, a aula de Educação Física possui um caráter pedagógico, na formação integral do ser humano, com o movimento sendo parte essencial no desenvolvimento do aluno, e é este o papel atribuído à Educação Física.

Nesse caso, o professor precisa saber que, deve objetivar os alunos a possibilidade de conhecer e interagir com todas as manifestações da cultura de movimento possíveis de serem realizadas numa aula de Educação Física.

Adiante, explicitarei a visão da Educação Física no âmbito escolar, bem como os esportes como possibilidade de um movimentar-se humano, que também explicarei ao longo da pesquisa.

2.2. O “MOVIMENTAR-SE HUMANO”

Antes de entrar a fundo sobre a questão dos esportes dentro do contexto escolar, assim como as possibilidades de transformação didático-pedagógicas, vou me ater à questão fundamental do movimentar-se humano, baseado principalmente na Concepção Pedagógica Crítico-Emancipatória de Elenor Kunz, a qual mais adiante entrarei em detalhes.

Os estudos sobre o corpo já estão bem aprofundados na área da Educação Física, o que acontece, e que não há evolução, é a carência de entender o significado do movimento humano em todas as suas dimensões.

É importante que a Educação Física escolar tenha consideração pelas experiências anteriores da criança e também pelas experiências fora do contexto escolar, em especial ao mundo de movimentos, como elemento facilitador na relação professor aluno assim como a metodologia de ensino.

Entende-se que o movimentar-se humano é uma inerente necessidade, que estabelece uma conexão com o mundo em que vivemos. O movimento é sempre uma conduta para algo, com isso, é válido salientar quando Kunz diz:

O movimento humano, como um “se-movimentar”, é um fenômeno relacional de “Ser-Humano-Mundo”, e concretiza-se, sempre, como uma espécie de “diálogo”. Uma de nossas melhores linguagens de relacionamento nos diferentes contextos sócio-culturais, portanto, realiza-se via movimento. A exploração e o desenvolvimento dessa linguagem abrem horizontes imprevisíveis e impressionantes, especialmente entre crianças e jovens, na vida de relações não apenas profissionais, mas especialmente afetivas, emocionais e de sensibilidade com a natureza e a cultura. (KUNZ, 2006, p.21).

Nesta perspectiva, o movimentar-se entendido como uma forma de comunicação, que contém e constrói cultura, deve ser entendido e estudado como uma complexa estrutura composta de contextos e processos sociais, históricos, filosóficos e antropológicos. Para isso, Bracht afirma que:

No entanto, trabalhar na Educação Física com o movimentar-se na perspectiva de cultura (cultura corporal de movimento) não basta para colocá-lo no âmbito de uma concepção progressista de educação, mesmo porque o conceito de cultura pode ser definido em termos social e politicamente conservadores. (BRACHT, 1996, p.16).

Obviamente que não entrarei em detalhes sobre conceitos de cultura, apenas citei para compreender que Bracht usa o conceito de cultura corporal de movimento, por outro lado Kunz fala que o corpo está empregado na cultura, portanto seria redundante falar “cultura corporal de movimento”, ele utiliza, então, apenas cultura de movimento.

Os dois autores concordam que o ser humano é composto por uma cultura, pelo seu contexto social e histórico e que esses contextos fazem parte direta do seu movimento, do seu “eu-mundo”, essas questões de cunho cultural não devem ser deixados de lado quando o ser humano se movimenta, pois são valores próprios do ser humano. Para complementar, é importante ressaltar a visão de um filósofo engajado no campo de investigação da Educação Física:

Precisamos saber, agora, quais são ou deviam ser os valores que entram e m jogo nesta estreita aproximação entre movimento e Educação Física de um lado e esporte do outro. Em primeiro lugar, parece ser claro que o movimento humano é reduzido ao seu aspecto corporal. Em segundo lugar, a Educação Física parece assumir mais um caráter de treinamento ou adestramento do movimento corporal, mais do que propriamente de uma educação física e humana. (SANTIN, 1987, p.38).

Kunz (2002) coloca a linguagem e o movimentar-se humano como uma espécie de diálogo com o mundo em que vivemos, ainda são poucas as possibilidades que ainda nos restam para uma melhor compreensão de quem somos, e a partir deles, uma melhor consciência do mundo vivido. Porém, essas formas de expressão humana se manifestam em forma de mera repetição, cópia e memorização.

Numa outra proposta da importância do movimento humano, seria na variável de um “conhecimento de si” ou “autoconhecimento”. Esse conhecimento de si é quebrado através da mecanização dos movimentos, das atitudes e comportamentos, torna a criança inapta a desenvolver o “quem sou eu?”. Para retratar melhor essa idéia, saliento Kunz que:

Não nos permitimos dialogar com o mundo de fora do uso da racionalidade preconditionada pelas referências certas do mundo cultural e científico colocado a nossa disposição. Nosso próprio corpo nos manda mensagens que não mais escutamos, ou, quando escutamos, não mais entendemos, porque perdemos a capacidade de interpretá-las. (KUNZ, 2002, p. 22).

Um exemplo claro da permissão do autoconhecimento, das possibilidades de integrar os valores através do movimento, segundo Betti (1992), é que não basta apenas correr em volta da quadra e sim entender o porque está correndo, o que se pode aprender através do correr, como mensurar a frequência cardíaca, que recomendações são feitas em relação à duração e intensidade da corrida, a relação da hidratação com o exercício entre muitos outros aspectos que podem ser trabalhados.

O movimento humano como conteúdo nas aulas de Educação Física ainda precisa ser mais estudado. O sentido que ressalto, é, o movimento humano de forma não mecânica. O homem se movimenta porque tem sentimentos, expressões, posturas, ele precisa se movimentar para se comunicar com o mundo, com o seu contexto sócio-cultural e entender a si próprio. Para exemplificar, imponho a fala de Santin que retrata bem a importância do movimento humano.

O movimento humano, por fim, pode ser compreendido como linguagem, ou seja, como capacidade expressiva. O homem se expressa pelos seus movimentos, pelas suas posturas, pelos seus gestos. O corpo humano é fala e expressão. A presença do homem é sempre uma presença falante, mesmo silenciosa. O homem se expressa no seu olhar, na sua face, no seu andar; ao ocupar um lugar; o movimento humano é sempre intencional e pleno de sentido. (SANTIN, 1987, p.34).

Acredita-se que o movimento corporal, em todas as suas expressões como dança, jogos, brincadeiras e também no esporte, pode ser mais humano e menos técnico. A essência do movimento humano está na capacidade de realização, expressão, comunicação, interação e significado para quem o executa. Nessa abordagem, é coerente escrever uma fala de Santos:

Ensinar os movimentos corporais aos nossos alunos é muito mais do que apresentar-lhe uma técnica correta de execução. Buscamos transcender o movimento para além da técnica alcançando o encontro do aluno com seu próprio corpo e do seu próprio corpo aos corpos que o cercam numa grande rede de relações estabelecidas pelos movimentos corporais. (SANTOS, 2003, p.15).

Esse fator da mecanização do movimento na maioria das vezes acontece na introdução precoce do esporte na escola. Nesse sentido, trarei nos tópicos seguintes, possibilidades de romper essa estrutura sistemática do movimento humano.

2.3 JOGOS E BRINCADEIRAS: EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ?

Para refletir sobre esse assunto é necessário fazer uma análise da tão questionada Cultura Corporal de Movimento e/ou Cultura de Movimento, que abordo em algumas oportunidades nesse estudo para explicar os fenômenos que ocorrem antes, durante e depois de uma prática corporal.

Cultura do Movimento, de acordo com Kunz (1998), são todas as atividades do movimento humano, sejam elas no esporte ou nas atividades extra-esporte e pertencem ao mundo do se-movimentar humano, o que o homem por esse meio cria e produz, de acordo com suas características de comportamento e conduta.

A Educação Física se apropriou de fundamentos de uma teoria antropológica do movimento, e considera-se que esse se-movimentar é uma forma de compreensão do mundo através da ação, tornando o homem um sujeito histórico e cultural dessa ação.

Esse ser humano que se movimenta é carregado de intencionalidade e expressividade nos seus movimentos, ou seja, ele se comunica sensível e subjetivamente com o mundo através dos movimentos que o faz.

A cultura de movimento, segundo Kunz (2001), significa inicialmente um conceito global de objetivos culturais, em que o movimento humano se torna o elemento de intermédio simbólico e de significações produzidas e mantidas tradicionalmente.

Ele retrata ainda que em todas as culturas podem ser encontradas as mais diferentes expressões de danças, jogos, competições, brincadeiras, teatros movimentados. A estas manifestações e expressões culturais se dão pela conduta e pelo sentido do movimento humano e que essas manifestações devem ser trazidas para dentro da aula de Educação Física, com isso segundo o mesmo autor:

A Educação Física, ao não incluir em seus conteúdos os movimentos e jogos da cultura tradicional, perde uma chance valiosa de atingir objetivos pedagógicos relevantes no sentido de auxiliar os alunos na reconstrução crítica do seu mundo vivido e respectivo mundo do movimento fora da escola. A transmissão crítica da cultura tradicional, como conteúdo de ensino, só pode permitir uma melhor leitura e entendimento da realidade social pelo aluno. (KUNZ, 2001. p.102).

Portanto, a tarefa da Educação Física, é tornar o aluno um ser praticante lúdico e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes dessa cultura corporal em sua vida, aproveitando o máximo, levando assim o aluno a descobrir sentidos e motivos nas práticas corporais.

A formação do aluno seja criança ou jovem, passa a ser concebida como um desenvolvimento pleno da personalidade e a Educação Física vem somar à educação intelectual e à educação moral.

A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão crítico e emancipado diante de novas formas de movimentos corporais. Como componente curricular deve integrar e introduzir o aluno nas mais diversas possibilidades de movimentos e exploração corporal, para que o aluno possa usufruir nos jogos, nas atividades rítmicas, na ginástica, nas demais vertentes da área da Educação Física, resultando em benefícios da qualidade de vida. Para isso

... não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva (BETTI; ZULIANI, 2002, p.75).

Nessa abordagem, Betti (1992), fala que os mais variados objetivos são dados à Educação Física, essa especificidade vem ganhando muita importância nos últimos anos, afinal o trabalho da Educação Física possui caráter pedagógico por fazer parte do contexto escolar e através dos movimentos e habilidades motoras desenvolve-se a afetividade, cognição e as qualidades físicas.

Retratar o aspecto do desenvolvimento do aluno, a importância das atividades físicas na infância, com ênfase nas brincadeiras e nos jogos, colocar fragmentos do contexto cultural dos alunos e da escola, são vantajosas possibilidades para que as crianças formem um hábito, de desenvolver-se de forma saudável. É válido citar Kunz para ilustrar essa idéia:

A Educação Física, ao não incluir em seus conteúdos os movimentos e jogos da cultura tradicional, perde uma chance valiosa de atingir objetivos pedagógicos relevantes no sentido de auxiliar os alunos na reconstrução crítica

do seu mundo vivido e respectivo mundo do movimento fora da escola. A transmissão crítica da cultura tradicional, como conteúdo de ensino, só pode permitir uma melhor leitura e entendimento da realidade social pelo aluno. (KUNZ, 2001, p.102).

Juntando a idéia de Kunz (2001) com a de Betti (1992), percebe-se que não basta melhorar a condição física do aluno, ensinar os movimentos técnicos dos esportes, é preciso prepará-lo para, ao sair da escola, ser um praticante ativo e lúdico, ou seja, ser um conhecedor da organização do esporte na nossa sociedade, desenvolver nele uma visão crítica em relação ao sistema esportivo profissional.

Por isso é fundamental ressaltar a importância do autoconhecimento da criança. Se “roubar” a coisa mais valiosa dela, que é sua liberdade de descobrir o mundo, a criança recebe precocemente as referências do mundo adulto, incapacitando a formação livre do “quem sou eu”, já argumentado anteriormente.

O termo jogos, brincadeiras, movimentos é alvo de interesses em várias áreas do conhecimento. É possível encarar que quando as crianças brincam, elas o fazem para satisfazer uma necessidade básica, que é viver a brincadeira. Nesse caso:

A criança, pelo seu brinquedo e pelo jogo, quer interagir com o mundo, o mundo real, dos objetos, e com os outros. O brincar torna-se para a criança a sua forma de expressão. No seu brincar a criança constrói simbolicamente sua realidade e recria o existente. (KUNZ, 1998, p.95).

Sendo assim, nos jogos e brincadeiras pode-se trabalhar inúmeras qualidades como: agilidade, velocidade, força, resistência, flexibilidade além de características que não cabem somente ao físico como cooperação, criatividade, espontaneidade, etc. Com isso Santos fala que:

O jogo nos dá a possibilidade de interação, ou seja, agir com outras pessoas e outras coisas numa ambiente agradável e descontraído que chamamos de ambiente lúdico ou de brincadeira. Por ser uma situação lúdica, o aprendizado através do jogo nos dá a sensação de prazer e satisfação. (SANTOS, 2003, p17).

Assim, a prática de jogos e brincadeiras deve envolver aspectos lúdicos, de prática e sucesso pela maioria, explorando a cultura de movimento inserida naquele grupo de alunos, naquele contexto escolar. Assim,

... se pelo ensino de brincadeiras, esportes e jogos, nós nos orientamos apenas no paradigma instrumental e funcional do saber fazer a partir de padrões

preexistentes, até mesmo para brincadeiras mais elementares, enfatizando ainda exacerbadamente a competição e a concorrência, corremos o sério risco de estarmos formando seres convictos de suas incapacidades sem oferecer-lhes meios ou condições de auto-superação e, enfim, autoconhecimento de suas reais possibilidades e condições. (KUNZ, 2002, p.30).

2.4. O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NA ESCOLA

O conceito de esporte, muitas vezes, é interpretado na visão de treinamento, competição, rendimentos e performances, esse conceito se reforça através dos meios de comunicação que colocam o esporte como mercadoria, como espetáculo.

A preocupação com a questão pedagógica do esporte na escola é que em certos momentos é posta de lado, quando na realidade, é necessário um incentivo à prática prazerosa da iniciação esportiva.

O que mais interessa aqui, na proposta de Kunz (1998) é a relação do tratamento dado ao conteúdo esporte como um conhecimento pedagogicamente transmitido nas escolas pela Educação Física.

O autor comenta ainda que o esporte é uma prática de origem histórico-cultural definida e que deve ser questionada como conteúdo pedagógico. Para que isso ocorra é necessário no contexto escolar desmitificá-lo, com conhecimentos que dêem aos alunos a possibilidade de criticá-lo dentro de um contexto sócio-ecômico-político-cultural específico.

Além do mais o esporte de alto rendimento dentro do contexto escolar é vítima de críticas por vários estudiosos, que são, verdadeiramente interessados em analisar a situação do esporte como treinamento especializado para crianças e jovens.

Os maiores problemas desse esporte tratado como rendimento, Kunz (1998), salienta alguns pontos imprescindíveis, como: formação escolar deficiente, a unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural, reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil que são indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância.

Outro agravante desse esporte de rendimento é a saúde. Imagine para quem treina diariamente, o que acontece muito, treinar pelo menos um período do dia,

sem incluir as competições que ocorrem eventualmente. Mais preocupante ainda são os problemas de ordem psíquica os quais Kunz exemplifica dizendo:

Estes se manifestam e se tornam mais graves, especialmente, em casos onde houve desilusões, fracassos e até mesmo pela falta de talento para a modalidade ou para o próprio esporte em geral. Nesses casos, o atleta precoce é, ou se sente excluído do mundo esportivo. (KUNZ, 1998, p.51).

Mesmo assim, é evidente que existem fatores positivos do esporte dentro do âmbito escolar, todavia é necessário salientar que o esporte tratado dentro da escola não deve ser com retorno ao rendimento e a resultados, deve evidenciar o caráter lúdico e prazeroso com o intuito de desenvolvimento das características de formação humana, com isso:

O ensino na Educação Física se reduz, portanto, somente ao treinamento de funções diretamente canalizadas para a forma final do jogo, da competição. E, nisto, o produto desta prática fica fácil de ser avaliado. O controle da qualidade do ensino coincide com o controle de rendimento do aluno no esporte. (KUNZ, 2001, p.50).

O objetivo é de resgatar o sentido saudável, tanto psíquico e físico como social da prática esportiva, garantir que as conquistas no esporte segundo Kunz (1998), sejam ocupações saudáveis do jovem, evitando o fanatismo dos resultados imediatos.

Ainda, segundo o autor, os aspectos positivos para quem leva o esporte de maneira saudável e coerente são: estimulação do desenvolvimento corporal, psíquico e social, auto-valorização das capacidades individuais de imagem e concepção de vida, vivências coletivas e atuações sociais e ampliação de vivências e experiências enquanto atividades de tempo livre.

Conforme já mencionado, o esporte de rendimento é criticado no contexto escolar em virtude dos profissionais de Educação Física tratá-lo como conteúdo técnico-instrumental sem avaliar as possibilidades de reflexão que ele proporciona. Nesse aspecto Kunz propõe algumas mudanças:

Os esportes normatizados poderiam também sofrer alterações, com a inclusão de importantes elementos culturais, e assim facilitar uma melhor leitura de importantes componentes sócio-culturais do estado ou do país. Com isto, os alunos teriam a oportunidade de adquirir um repertório de atividades que lhes possibilitasse uma participação crítica e de reformulação da cultura do movimento de sua região ou País. (KUNZ, 2001, p.39).

Bracht (2000) complementa afirmando que no esporte de alto rendimento as ações são julgadas pura e simplesmente pelos resultados finais, pela derrota e pela vitória, pelo máximo e pelo mínimo, tudo é medido por resultados, como objetivos a serem alcançados. A prática e o processo que levam a esses resultados não assumem importância significativa para o sistema. Portanto,

... com interesse pedagógico da Educação Física pelos esportes, o objeto de estudo deveria se concentrar mais sobre todas as formas de manifestação humana e de forma contextualizada, em que ser humano e movimento são relevantes tanto ao agir e pensar como para as relações entre os próprios homens. (KUNZ, 1998, p.67).

A técnica está sempre presente, o trato dela é que deve ser repensada e tratada pedagogicamente. Num jogo de futebol profissional como numa “pelada” com meninos de rua, a técnica nos movimentos para realizar fins está contida tanto numa situação como na outra. Entretanto o valor relativo dessa técnica, o sentido e o resultado social é diferente nos dois casos. Sobre isso Bracht tem o seguinte posicionamento:

Portanto o que a pedagogia crítica em EF propôs/propõe, não é a abolição do ensino de técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte. (BRACHT, 2000, p.16).

Nesse sentido, tratarei o esporte na abordagem de ensino que vai além da prática do movimento por si só, mas o movimento que é fruto de um contexto social e histórico do homem que o pratica. Através do esporte no âmbito escolar é possível empregar outras dimensões que não somente mecânico-motoras.

O esporte é, talvez, o conteúdo que melhor atende as especificações para o trabalho da Educação Física escolar, tendo em vista o grande repertório de possibilidades e objetivos que estão associados a este conteúdo. Com isso, o esporte evolui cada vez mais, devido ao progresso científico e tecnológico que se junta com o avanço dos meios de comunicação e com a influência da mídia. Assim Kunz fala que:

Esta evolução, porém, contribuiu para que o movimento no esporte se tornasse um movimento cada vez mais estereotipado e de uma efetivação prática, de forma cada vez mais mecânica. O interesse da ciência sobre os movimentos praticados no esporte é o aperfeiçoamento do gesto com a finalidade de

melhorar cada vez mais o rendimento no esporte, ou seja, apenas o sentido funcional do mesmo. (KUNZ, 1998, p.81).

Contudo o ensino da Educação Física, na maioria das vezes, se concentra nos elementos técnicos dos esportes, possibilita-se a compreensão de que a aula de Educação Física existe os fracos e os fortes, os erros e os acertos. Ou seja, o aluno não tem a capacidade e a oportunidade de interpretar suas ações dentro das aulas, não é esse esporte que se espera encontrar na aula, aquele que apenas tem um objetivo, o de treinamento de destrezas. Nesse caso, Santos argumenta:

O esporte educação é aquele que praticamos na escola e tem basicamente dois objetivos. Um dos objetivos é construir o aprendizado da prática esportiva, ou seja, das regras, dos fundamentos e das habilidades corporais necessárias para jogar. O outro é de desenvolver habilidades de relacionamento com os outros, ou seja, a cooperação, a sensibilidade, a solidariedade, o respeito ao próximo, a lealdade, o senso de justiça, a honestidade entre outros. (SANTOS, 2003, p. 19).

Então, o esporte é um campo muito grande de ações, em que através das vivências em situações decorridas, o indivíduo desenvolve sua atitude e capacidade de ação, além é claro de perceber o seu mundo de movimentos, entender as implicações deste para a sua saúde e estética e também entender as questões éticas relacionadas ao esporte, assim, segundo Kunz:

Um esporte que não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional, com vistas ao rendimento, mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados. (KUNZ, 1998, p.29).

O autor evidencia que para a compreensão do esporte, os alunos devem ser instrumentalizados não somente nas capacidades e conhecimentos mecânicos que possibilitam apenas praticar o esporte em si. É sem dúvida, de alta importância, a competência comunicativa que lhes possibilita a comunicação em todo o relacionamento com o mundo social, político, econômico e cultural.

É fato que através do esporte, muitas virtudes podem ser trabalhadas e conseqüentemente diversos objetivos podem ser alcançados. E sabendo-se dessas repercussões, diversas questões do cotidiano social dos indivíduos podem ser trazidas para a escola e pedagogicamente trabalhadas de forma a serem compreendidas e

proporcionarem maneiras através das quais as crianças poderão atuar nesta sociedade.

2.5. ENSINO DOS ESPORTES NO PLANO DA CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA E DIDÁTICO COMUNICATIVA

Um ensino baseado nos pressupostos da pedagogia crítico-emancipatória possibilita um grande avanço no que se refere à relação professor-aluno e o aluno-mundo. Isso se deve ao fato da metodologia elaborada por Elenor Kunz (1991), priorizar o diálogo e maior abertura durante o transcorrer das aulas, proporcionando aos educandos uma maior participação no processo pedagógico.

A grande questão norteadora é se os alunos são capazes de compreender a importância dos movimentos, refleti-los de acordo com o seu contexto sócio-cultural ou ainda os componentes sociais que influenciam o esporte.

Uma teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatório, de acordo com Kunz (1998), necessita estar acompanhada de uma didática comunicativa, deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional e uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre uma racionalidade comunicativa. Com isso:

Devemos pressupor que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 1998, p.31).

Uma situação que se agrava é que atualmente os esportes são cercados de especialistas, que intervêm diretamente no trato do praticante de esporte. O praticante acaba deixando-se influenciar por esses especialistas/treinadores e por meios indiretos como a mídia, por exemplo, ou seja os jovens sofrem influências externas a todo tempo.

Embora hoje, os jovens estejam cada vez mais independentes, mas isso ocorre no sentido de poder optar por este ou aquele esporte, mas refleti-lo, criticá-lo e

utilizá-lo com o intuito de criar valores e carregá-los ao longo de sua existência. A esse respeito Kunz se posiciona da seguinte forma:

Portanto, pretendo aqui, chamar de emancipação esse processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo, o que se desenvolve pela educação. O uso da razão crítica é, assim, a capacidade de avaliação e análise intersubjetiva das condições da racionalidade. (KUNZ, 1998, p.33).

O plano esportivo causa muitas vezes uma falsa ilusão que através dele consegue-se desenvolver qualidades físicas aguçadas. No entanto, saliento que é sim possível alcançar essas qualidades desde que sejam trabalhadas de uma forma não alienada.

O que ocorre é que os esportes, principalmente o de alto rendimento, necessita um conhecimento técnico que não cabe ao profissional da Educação Física Escolar, por exemplo. Mesmo assim, depara-se com profissionais que insistem, por ser “fácil” de aplicar, nesse conteúdo técnico do esporte para crianças e jovens dentro do contexto escolar.

Tem-se a idéia que a aula de Educação Física é para aprender, de oportunizar momentos de reflexão, de conhecimento, de críticas, de emancipação, afinal, se vai à escola para quê?

É claro que o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física tem um valor absolutamente soberano, mas ele não deve ser imposto ao aluno, de ser submetido ao “faça porque assim é o correto”, deve ser questionado em todos os planos possíveis. Para ilustrar, novamente Kunz.

Em lugar de ensinar os esportes na Educação Física Escolar pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, numa concepção crítico-emancipatória, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que além de tornar o fenômeno esportivo transparente, permite os alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades. (KUNZ, 1998, p.36).

O esporte tratado formalmente, aquele que é praticado de forma técnica com vistas ao rendimento, é tema central em quase todas as aulas de Educação Física. Nessas aulas, os alunos que possuem talentos esportivos mais avançados têm mais

oportunidades do que aqueles que não possuem tanta habilidade motora. Estes alunos acabam se sentindo desvalorizados na aula.

Kunz (2001) ressalta que a falta de um melhor desempenho dos alunos com pouca habilidade se deve a suas deficiências na condição e constituição física, fazendo com que eles se afastem e deixem de participar ativamente das aulas, o que contradiz um dos principais objetivos da Educação Física que é, exatamente, preparar os alunos à prática de determinadas modalidades esportivas.

É nesta consciência que proponho a concepção Crítico-Emancipatória, bem como a teoria comunicativa, fazendo os professores situar-se como mediadores de um agir comunicativo. Aos alunos, a possibilidade de problematização de todas as idéias e não somente serem bons por possuir uma habilidade e serem ruins por não tê-las. Ou seja, acredita-se que mesmo sem intenção explícita, os professores passam para seus alunos modos de pensar e de agir que fazem parte de sua formação como sujeito. A emancipação pode ser levada aos alunos na intenção de exterminar qualquer forma de submissão do mundo externo, como competição e a própria burocracia escolar, que sejam capazes de criar e modelar seus valores conforme suas necessidades.

Por fim, a concepção crítico-emancipatória encaixa-se para o ensino da Educação Física desde que seja trabalhada de forma estruturada e aprofundada teoricamente. A Educação Física está longe de ser salva, entretanto um processo educacional crítico-emancipatório pode ajudar a Educação Física, desde que esse processo não se restrinja a somente num saber-fazer, como um processo mecânico, mas incluir o saber-pensar e saber-sentir. Kunz elucida:

Uma concepção de ensino que se orienta nos pressupostos apresentados da pedagogia crítico-emancipatória e que se explicita na prática pela didática comunicativa privilegiada, pelos planos do agir para o trabalho, para a interação e para a linguagem, estes três atributos máximos da capacidade heurística humana: saber-fazer, saber-pensar e saber-sentir. (KUNZ, 1998, p.75).

2.6. TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DOS ESPORTES

Os esportes transformados didático-pedagogicamente podem possibilitar ao aluno uma compreensão ampla dos esportes aprendendo dentro das aulas valores que vão além de simples movimentos mecânicos para que num futuro o aluno se torne um praticante por prazer e espontaneidade.

2.6.1 Características e funções do esporte

Sabe-se que o esporte, como já ressaltado, é um conteúdo fortíssimo da Educação Física. O grande foco é o modo de como ele é repassado para os alunos, o que ele pode proporcionar na vida de todos os alunos.

Os profissionais de Educação Física, como discutimos no capítulo anterior, se voltam com a preocupação de aplicar o esporte em um saber tipificado, trazendo aquele esporte formal que vimos na televisão, nos jornais, na internet e outros. As atividades dos alunos ficam condicionadas às condições materiais e às suas pré-condições físico-esportivas. Kunz explica que:

Em última análise, o aluno fica condicionado a uma formação para o esporte de rendimento e de competição. Com isto já se pode prever, também, que não pode haver entre os professores grandes diferenças nas suas concepções de ensino. Tudo decorre a partir do saber e do conhecimento do professor, que procura intensamente concretizar o princípio do rendimento. (KUNZ, 2001, p.100).

Portanto, é esse esporte, com vistas ao rendimento e à competição, que se pretende ensinar para os alunos? Será que as brincadeiras infantis, os jogos, as danças tradicionais, não poderiam ser um tipo de esporte?

O caso é que as questões que cabem ao social e histórico da criança são rompidas na aula de Educação Física quando o esporte é tratado com vista ao rendimento e à competição.

O esporte não tem só como objetivo a formação de características técnicas, mecânicas, tem sentido na formação do homem que se movimenta, o homem que tem a necessidade de relacionar-se com o mundo à sua volta, constituído de vida e não um

ser abstrato, possuidor de uma história, de uma classe social ou de uma condição psicológica. Nessa perspectiva, Kunz tem a seguinte proposta:

Nesse sentido, a pedagogia que estuda os esportes para a Educação Física deve estudar o homem que se movimenta, relacionado a todas as formas de manifestações deste se-movimentar, tanto no campo dos esportes sistematizados, como no mundo do movimento, do mundo vivido, que não abrange o sistema esportivo. Ou seja, na família, no contexto onde vive, no trabalho etc., pois o homem continua um ser que se movimenta mesmo quando ele age fora dos contextos materiais previamente estabelecidos para a prática do esporte. (KUNZ, 1998, p.68).

Um aluno, por exemplo, não é só constituído de um campo biológico, é também constituído de um campo social e que este não está aderido apenas às questões sociais dentro do âmbito escolar e sim na família, nas suas atividades fora do contexto escolar.

A encenação que é um termo usado proveniente do teatro, diz respeito ao pôr-se de forma sempre renovada em cena e no esporte acontece o mesmo, ou seja, há papéis pré-determinados, regras a serem seguidas, funções e outras.

Dessa forma, Kunz (1998) afirma que o esporte tem um compromisso educacional, um papel de encenação, ele pode ser encenado em qualquer lugar a qualquer momento. E sempre que o esporte é encenado, independentemente do motivo, possui um caráter educacional.

O que se vê atualmente nas escolas é a dificuldade que o profissional de Educação Física tem ao tratar o esporte com esse aspecto educacional. A escola serve justamente para relacionar o esporte nas suas mais variadas possibilidades de encenações, constituindo um espaço pedagógico.

Ainda nesse espaço pedagógico, Kunz (1998) fala que tem uma função de não apenas auxiliar o aluno a melhor organizar e praticar o esporte, ou seja, encenar o esporte de forma que dele possa participar com autonomia, mas é acima de tudo uma tarefa de reflexão crítica sobre as formas da encenação esportiva. O autor ainda ressalta que:

O objetivo de ensino da Educação Física é assim, não apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas propiciar a compreensão crítica das diferentes formas da encenação esportiva, os seus interesses e os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico. É, na prática, permitir apenas o

desenvolvimento de formas de encenação do esporte que são pedagogicamente relevantes. (KUNZ, 1998, p.73).

Toma-se então, o foco central da discussão do esporte, que é a competição. Em outras palavras, os alunos são preparados para vencer, para competir, sob qualquer circunstância. Dessa forma, o esporte é aplicado com preocupações acerca dos gestos técnicos, busca-se a máxima perfeição da execução de todos os movimentos para formar um futuro aluno-atleta.

É bom questionar as funções das práticas esportivas, o que a Educação Física quer com o esporte como conteúdo escolar. Para isso, saliento a importância da citação de Santin:

Com o esporte queremos desenvolver a competição, pois a nossa sociedade é altamente competitiva e, por isto, a criança deve aprender desde logo que se não souber competir não vencerá na vida. Ou queremos a simples diversão e o descontraimento à interação de pessoas, a confraternização, tentando mostrar que a competição pode conduzir à negação de todos estes valores. (SANTIN, 1987, p.38-9).

Conforme o autor, os esportes então assumem códigos, são pré-determinados, com o intuito de entrar na escola com o simples fato de repassá-los aos alunos desmerecendo totalmente todos os fatores extra-esporte que podem auxiliar no trato do esporte.

Esses fatores, já mencionados, seriam os contextos histórico-sociais da escola e dos alunos, as características culturais como jogos, danças, brincadeiras, os costumes, entre outros. Com isso Bracht afirma que:

O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios a técnicas. (BRACHT, 1997, p.22).

Assim, entende-se que o esporte, como conteúdo escolar, pode possibilitar muito mais que apenas ensinamentos mecânicos, ele pode educar, pode proporcionar ao aluno que pratica uma reflexão das possibilidades existentes de encarar o esporte e praticá-lo de acordo com suas necessidades e vontades. Bracht ainda propõe o seguinte questionamento:

Se indagarmos por que, ou o que tem de educativo no esporte, obteremos quase que invariavelmente a seguinte resposta: o esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei, devemos respeitá-la, sem discuti-la), ensina a vencer (no jogo da vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que, momentaneamente) aliar-se a outro ou outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos do esporte chamam de cooperação ou companheirismo, ensina a competir (já que a sociedade é extremamente competitiva para a vida), desenvolve o respeito pela autoridade, que é o árbitro ou professor (chama-se a isso de disciplina). (BRACHT, 1997, p.62).

É esse aspecto que deve ser quebrado, como salienta Bracht que diz que a criança (o aluno) é ensinada a competir, como se fosse um ensaio para a vida “pós escola”. E não é essa a característica que o esporte deve assumir.

Ele deve proporcionar uma ligação entre aprendizagem humanística e aprendizagem mecânica, este como já explicado, deve ter o objetivo de trabalhar sim as qualidades físicas inatas do ser humano, todavia a maneira sistemática, auto imposta, que deve ser rompida.

Essas qualidades físico-mecânicas devem ser trabalhadas de acordo com as condições dos alunos, e não através de um plano pré existente que visa trabalhar o esporte e as técnicas de forma única, padronizada. Nesse caso Santin afirma que:

Pela idéia da competição como estímulo e forma para o aguçamento do desejo de vencer, ou mesmo, o dever de vencer, aliada às imposições dos princípios da supremacia ideológica, o esporte facilmente se transforma num campo de batalha, onde os companheiros não são apenas adversários, mas são visualizados como inimigos a serem destruídos. O jogo torna-se luta e guerra. Não é mais lazer ou diversão, nem espetáculo. O próprio espectador deixa de aplaudir ou vaiar, para se constituir num fanático exigindo a vitória a qualquer preço pelo seu grito de guerra. (SANTIN, 1987, p.45).

Portanto, o esporte, como ressaltou acima Santin, não deve ser um campo de batalha, ou que nos estádios de futebol, as torcidas cantem “gritos de guerra” ao invés de “cantos de incentivo”. Tudo isso é um reflexo do esporte tratado na escola.

Se por um lado, o esporte é tratado como ensaio para a “competição na vida”, tornando-o uma prática com fim de superar o adversário, ele pode, por outro lado, tornar-se prazeroso aos praticantes, que estes não apenas joguem contra si, mas se organizem de uma forma que todos possam vivenciar suas habilidades, possibilidades, desejos e vontades.

Essas características são absorvidas desde a escola, o aluno que aprende o esporte de forma competitiva estará associado a sempre superar os outros numa determinada prática, independentemente das situações, ele sempre desejará vencer.

Aquele aluno que aprende o esporte de uma forma crítica, reflexiva, estará pronto para se auto organizar, respeitar as regras pré impostas de cada esporte, porém estará carregado de intenções positivas para as suas práticas, estando flexível a mudanças com o intuito de que o sucesso através da prática esportiva esteja ao alcance de todos os seus companheiros e adversários. Em suma,

... a literatura tem atribuído ao esporte o poder de desenvolver, em quem pratica, principalmente na criança, o companheirismo, a cooperação, o respeito às regras e normas, o valor e a força de vontade, além da responsabilidade, sentido social, etc. (BRACHT, 1987, p.75).

2.6.2. Como transformar o esporte do ponto de vista didático-pedagógico

Atualmente nas escolas o esporte é aplicado com vistas ao rendimento. Esse rendimento prejudica a possibilidade do aluno colocar em prática a sua cultura de movimento e de se expressar por meio de suas necessidades.

É como se o alto rendimento, a técnica dada precocemente nas aulas, quebrasse a espontaneidade dos alunos. Se um professor em sua aula ensina as modalidades esportivas através somente da técnica pura e somente os movimentos mecânicos, estes descarregados de cultura, impede que o aluno construa, reflita e critique os movimentos que faz, que os outros fazem e até mesmo porque o professor está passando determinados movimentos.

Então, como romper essa barreira? Como aplicar o esporte “da” escola ao invés do esporte “na” escola? Existem possibilidades de trabalhar o esporte de forma introdutória, colocando a técnica em segundo plano, ou seja, que a técnica não fosse tão exigida?

Para essa questão do nível de exigência dos esportes, Kunz salienta:

Os movimentos realizados nas modalidades esportivas mais praticadas em nosso meio, inclusive por não-atletas, como voleibol, basquete, handebol, atletismo, futebol, natação, etc. e que são as práticas hegemônicas na

Educação Física Escolar, têm adquirido um nível de exigência de praticante extremamente alto. Os movimentos no esporte exigem uma participação quase sempre integral do corpo do praticante, ou seja, dos grandes grupos musculares. Isto necessita um constante aperfeiçoamento, além da condição técnica específica de cada modalidade, da condição física. A transferência desta melhoria da condição física para a promoção da saúde e outros benefícios do exercício físico nem sempre é facilmente conjugada. (KUNZ, 1998, p.82).

É difícil romper a função do esporte como melhoria na qualidade dos movimentos dos alunos. Como se a Educação Física tivesse o objetivo simplesmente de modelar o corpo humano, e os esportes fossem o meio para isso.

Kunz (1998) ressalta que os esportes buscam, primordialmente, o ensino da aprendizagem motora, melhoria das atividades dos movimentos, economizando gestos o máximo possível em qualquer situação.

Ou seja, os esportes podem ter outro lado, o de transformá-los orientados nas atividades lúdicas, na busca da alegria e do prazer. Com isso pode-se alcançar a sociabilidade nas atividades, fazendo os alunos mais participativos e críticos.

Outro fator importante que Kunz (1998) trata é o objetivo da educação escolar desenvolver as competências humanas da comunicação (linguagem), da interação social e da competência objetiva (trabalho).

E seguindo o mesmo autor a categoria trabalho trata-se da experimentação individual e coletiva, os alunos descobrem, experimentam suas possibilidades, sem qualquer exigência a respeito de como fazer ou quando fazer, lhe são dados uma situação problema e a partir dela os alunos se auto-organizam. O autor se refere ainda que nesta categoria o professor deve aplicar exigências de habilidades específicas.

Na categoria interação, ele cita que a fase da descoberta e da imitação do outro é considerada como uma rica possibilidade de troca entre os alunos, outro aspecto interessantíssimo para a Educação Física Escolar, pois é importante trabalhar com os alunos a capacidade de compartilhar e de saber repartir através da linguagem corporal e verbal.

Por fim o autor fala da categoria de linguagem que está dentro de todas as demais categorias, a comunicação possui uma variedade de manifestações, aqui, o professor deve saber reconhecer e explorá-las em suas aulas, onde existe um potencial

na comunicação através do movimento lúdico e expressivo, outra questão é a construção da linguagem verbal.

Ainda nesta categoria, ele explora outra perspectiva da comunicação, voltada para o diálogo crítico e reflexivo das manifestações e experiências, compartilhar com o outro suas descobertas, as sensações e as críticas em relação às atividades propostas pelo professor.

Encaixar o esporte nessa perspectiva de trabalho, interação e linguagem, seria explorá-lo com o intuito de promover a experimentação de todas as possibilidades de movimento de uma modalidade, trabalhar de forma coletiva, explicando a importância dos companheiros de equipe e dos adversários e o diálogo entre professor aluno e aluno-aluno, promovendo reflexões sobre os movimentos dos esportes e possíveis mudanças.

Nesse caso, não tratá-lo apenas como cópia do esporte formal e técnico, aquele com a finalidade de somente aperfeiçoar os movimentos dos alunos. Para isso, Kunz coloca que:

Realmente, assim como o esporte se configura, enquanto realidade socialmente construída com a finalidade única de atender ao princípio do rendimento esportivo, não pode ser aproveitado pedagogicamente sem trazer prejuízos na formação de pessoas críticas e emancipadas. Mas, quem disse que o esporte para participar do conteúdo pedagógico de uma aula de Educação Física precisa necessariamente copiar de forma irrefletida e direta o modelo do esporte de competição ou de rendimento? Não seria possível desenvolver uma concepção de ensino para o ensino escolar onde o mesmo passasse por um processo de transformação e assim poder atender ao compromisso de responsabilidade formativa que se deseja? (KUNZ, 1998, p.124).

As perguntas do autor são pertinentes porque o esporte tem como característica um vencedor e um perdedor. Tem ainda a característica de ser um conteúdo que valoriza os fins. No caso do futebol o fim seria o gol, no basquetebol a cesta e assim por diante. Nessa abordagem o esporte acaba tendo uma pré-seleção dos alunos, ou seja, aqueles que detêm certa habilidade é que terão sucesso.

Entretanto, o esporte é o componente mais forte que a Educação Física tem como conteúdo e, evidentemente que não pode ser tirado da escola, portanto o que falta é o esporte ser “reinventado”, transformado pedagogicamente. Para tanto,

... têm sido formuladas propostas conceituais e metodológicas que visam, sobretudo, à construção de um *esporte escolar*, isto é, uma manifestação pedagogicamente modificada dessa específica cultura de movimento produzida na/para a escola a partir do eixo tensionado entre as dimensões de rendimento e o de lazer. (PIRES e NEVES, 2002, p.54).

Assim, o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, de acordo com Kunz (1998) possibilita vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para a maioria.

Então, fica a grande dúvida: como ensinar os esportes transformados didático-pedagogicamente de acordo com as categorias de trabalho, interação e linguagem com o intuito de promover sucesso pela maioria dos alunos?

O esporte deve ser aplicado de forma introdutória e sintética. No caso do Handebol, o qual é um esporte muito praticado em todas as escolas, uma possível transformação seria através de pequenos jogos colocando os fundamentos do esporte através das propostas dos alunos em relação às suas necessidades e possibilidades de mudança.

Por exemplo, o jogo dos “10 passes”, muito comum nas aulas de Educação Física, quando o tema é handebol. Aqui, pode-se dividir em duas equipes, com a intenção de chegar ao limite de 10 passes, sem qualquer restrição, com o objetivo de marcar um ponto quando chegasse ao 10º passe, enquanto a outra equipe tentasse roubar a bola.

Em primeira instância já se trabalha o passe e a defesa, fundamentos essenciais do handebol sem qualquer aplicação técnica e que todos possam fazer sem nenhuma dificuldade, isto se encaixa na categoria de trabalho, o “saber-fazer”. O professor media a situação através da comunicação entre ele e os alunos, ele torna os alunos críticos, criadores de possibilidades e mudanças para levar o jogo adiante.

Continuando o exemplo, alguns alunos inicialmente não tocariam na bola devido a pouca habilidade motora, poderia, então, colocar uma proposta de reflexão para os alunos quanto a esta situação de que nem todos tocam na bola, deixá-los perceber uma forma de como fazer com que todos tocassem na bola.

Os alunos podem chegar à conclusão, a partir de reflexões próprias e coletivas que, para marcar o ponto através dos 10 passes só seria possível quando todos da mesma equipe efetuassem no mínimo um passe, mesmo que já tenha

chegado nos 10 passes necessários, porém o ponto só seria computado quando todos da equipe efetuassem um passe.

Aqui, a categoria interação e linguagem são visíveis, uma vez que necessita a cooperação e coletividade para fins do objetivo (o ponto marcado através dos passes) e a comunicação entre os alunos para se organizarem com o intuito de que todos da equipe efetuassem um passe no mínimo para chegar ao mesmo fim (o ponto marcado através dos passes).

No andamento deste jogo, ainda ocorreriam situações de necessidade de um objetivo maior, ou seja, não somente um ponto quando se chegasse aos 10 passes completos.

Novamente o professor media a situação impondo reflexões críticas de como melhorar este jogo, para torná-lo mais dinâmico. Possibilidades poderiam ser lançadas entre alunos e o professor como: depois que efetuar os 10 passes, colocar um cone no fundo da quadra, somente acertando-o é que a equipe marcaria um ponto. Neste caso, outro fundamento, sem quaisquer necessidades técnicas já seria trabalhado, o arremesso.

Outras propostas que com certeza seriam lançadas e alcançadas, ao invés de um cone, colocar três ou mais, para tornar mais atrativo o acerto no cone. Ao invés de 10 passes, reduzir ou aumentar o número de passes, de acordo com as necessidades dos alunos, estas, propostas por eles mesmos, para tornar o jogo mais dinâmico, prazeroso, divertido.

Um esporte tradicional na cultura brasileira é o futebol, outra modalidade muito praticada dentro e fora das escolas em todo o país. E como se pode trabalhar esse esporte da mesma forma que o Handebol?

Novamente a introdução através da cultura de movimento, de pequenos jogos e brincadeiras é a melhor forma de se trazer o futebol, assim como qualquer outra modalidade, para dentro da aula. Resgatar a famosa “pelada” é uma forma de trabalhar o contexto social dos alunos, de trabalhar a realidade em que eles vivem. Nesse sentido Laging (2006) afirma:

Os jovens e as crianças, especialmente, trazem o seu “esporte” e suas “atividades de movimento” para dentro da escola e esperam que ela ofereça os espaços adequados para sua realização. A escola, desta forma, fica desafiada

a reagir diante das mudanças do esporte e das atividades de movimento. (p.129).

Portanto, toda a introdução do esporte deve ser aplicada de acordo com as características sócio culturais dos alunos e da escola, promove-se desta forma um melhor aproveitamento da cultura de movimento dos alunos.

Inicialmente, propor uma aula quando o assunto é futebol parece ser uma alegria para os professores uma vez que é o esporte mais comum, mais praticado no território brasileiro. Todavia essa ilusão nem sempre é fato, haverá casos em que o fim será de sucesso pela minoria.

Uma proposta para romper, o que já foi tanto discutido, de proporcionar vivências do esporte por todos os alunos seria, por exemplo, delimitar um espaço físico com quatro cones, que ilustrariam duas pequenas traves, com um espaço de torno de 2 metros entre um cone e outro e dividir os alunos em duas equipes.

Se a escola propiciar uma boa condição de material de Educação Física, pode-se colocar uma corda em cima dos cones, ilustrando a parte superior da trave de futebol oficial. A meta seria simplesmente o gol por parte de cada equipe.

Logo, aqueles que detêm uma destreza motora um pouco maior já seria um destaque, entretanto aquele que não a possui já ficaria isolado. O professor, atento aos alunos, deve lançar propostas de como solucionar esse problema.

Ao invés de ser jogado individualmente, esse jogo poderia ser transformado de modo que os alunos se organizassem em duplas e de mãos dadas, sendo assim o gol só seria válido quando os alunos estivessem nas suas respectivas duplas.

E assim o jogo vai se tornando coletivo, cooperativo e acima de tudo prazeroso, divertido e independente de padrões esportivos. À medida que o jogo se desenvolve os alunos praticam várias características da modalidade esportiva, nesse exemplo o futebol, como: o passe, o chute, o drible, além da cooperação, do coletivismo, entre outros.

Se os alunos não conseguirem refletir sobre a mudança do jogo para torná-lo mais dinâmico e próximo do jogo real o professor pode propor as idéias junto com os alunos, mas não impor, é importante ressaltar que o professor é um agente da educação e não um “tirano”.

É válido então ressaltar Kunz (1998), que diz sobre o poder do professor ter o objetivo de esclarecimento, entretanto esse poder não deve tirar a alegria do aluno em praticar os movimentos na aula, mesmo que o professor saiba que há uma maneira melhor da aula proceder. Nesse caso o autor ainda cita que resgatar essa comunicação entre alunos e professor é uma das tarefas mais difíceis da Educação Física.

Além do mais, fazer os alunos falarem sobre suas necessidades também não é tarefa fácil, contudo, se o professor tem o hábito de desenvolver suas aulas na proposta crítico-emancipatória e didático-comunicativa tem tudo para tornar no mínimo os alunos capazes de explorar com mais intensidade seus movimentos e relatar sobre suas necessidades, Para isso Kunz elucida:

O professor deve constantemente desafiar os alunos ao diálogo, deve constantemente perguntar e esperar uma resposta individual ou coletiva. Como vocês aprenderam isso? O que foi útil para que as dificuldades pudessem ser superadas? Como vocês podem me descrever isso? Como se poderia chegar a outras soluções? Essas são questões que constantemente devem surgir e desafiar os alunos. (KUNZ, 1998, p144).

Toma-se o caso do handebol e do futebol, por serem esportes coletivos, comuns em todas as escolas, são praticados em todo o país e ricos na possibilidade de transformação didático-pedagógica através de jogos, brincadeiras, que possibilitem a proposta de sucesso pela maioria, vivências do esporte sem vistas ao rendimento.

Todos esses pequenos jogos, brincadeiras e movimentos que introduzem o esporte para os alunos de maneira não tecnicista não dependem necessariamente de um espaço físico e/ou materiais adequados para a prática. Com isso Kunz acredita que:

Na prática, para propiciar melhor a compreensão do sentido dos esportes tradicionais e auxiliar na busca e no desenvolvimento de novos sentidos sem perder os esportes em atratividade, é interessante trabalhar com “arranjos materiais” para facilitar e compensar deficiências na execução de movimentos mais complexos e que necessitam força e velocidade. (KUNZ, 1998, p.127).

Assim, pode-se aplicar as transformações das modalidades esportivas em qualquer espaço praticável, desde que haja uma cooperação entre alunos e o professor e criatividade na elaboração do planejamento de aula. Acerca disso Kunz cita que:

Transformações devem ocorrer, acima de tudo, em relação às insuficientes condições físicas e técnicas do aluno para realizar com certa “perfeição” a modalidade em questão. Essa “perfeição” se concretiza no nível do prazer e da

satisfação do aluno e não no modelo de competição, pois não é tarefa da escola treinar o aluno, mas ensinar-lhe o esporte, de forma atrativa, o que inclui a sua efetivação prática. (KUNZ, 1998, p.126).

Enfim, o esporte no âmbito escolar deve ter a proposta de ensinar mais que as características mecânicas, não somente as valências físicas, deve ir mais além que apenas “treinar” o homem, deve proporcionar uma criação de critérios que o leve a torná-lo mais reflexivo e autônomo, em outras palavras, sujeitos livres e emancipados.

A Concepção Pedagógica Crítico-Emancipatória apresentada, para anunciar e estimular mudanças reais e concretas na concepção de ensino da Educação Física e Esportes, bem como no conteúdo, no método e nas condições das possibilidades na prática pedagógica.

Nas aulas de Educação Física seria possível transformar os esportes, em jogos, brincadeiras, que especialmente prevaleça o lúdico, para que o aluno possa através de atividades de esportes transformados, aprender não só o movimento em si, mas sim todos os valores que possam estar inseridos, como cooperação, coletividade, respeito, entre outros.

Por fim, a Educação Física deve propiciar aos alunos a capacidade de repensar, refletir, organizar, entre outras vertentes, o esporte e todos os conteúdos da Educação Física, de modo a auxiliar na formação humana dos alunos.

3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. TIPO DE PESQUISA

Desenvolve-se essa pesquisa de forma exploratório-descritiva. Este trabalho descreve as características de um objeto de estudo. Nesse caso, a pesquisa não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno, preocupa-se em apresentar suas características.

Ainda caracteriza-se a pesquisa como qualitativa. Esta, por sua vez, preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

A pesquisa qualitativa não pretende generalizar os resultados alcançados no estudo, e as hipóteses se vão elaborando passo a passo.

Nesse sentido, a presente pesquisa visa descrever, baseado nos autores pesquisados, as características dos esportes transformados didático-pedagogicamente, levando em consideração o papel do professor de Educação Física e dos alunos dentro da aula. Lançar no interior estudo a questão de como os esportes podem ser tratados numa aula de Educação Física, a questão do alto rendimento *versus* ludicidade, entre outros.

Para satisfazer as propostas que essa pesquisa propõe como: didática da Educação Física, Pedagogia da Educação Física, formação profissional, prática pedagógica do professor, esportes como conteúdo das aulas de Educação Física; uma pesquisa de campo foi elaborada com o intuito de uma melhor visualização do conteúdo deste trabalho.

3.2 COLETA DE DADOS

Para enriquecer o presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo entre os dias 06/04/2009 a 04/05/2009 no Colégio Atitude, localizado na cidade de Florianópolis-SC, no bairro de Canasvieiras.

A escola é pertencente à rede particular de ensino e está institucionalizada desde 2007. Por ser uma escola recente, a instituição contém nove (9) turmas que vão do 1º ao 7º ano, sendo que o 6º tem duas turmas denominadas de A e B.

Segundo a própria instituição de ensino a classe social entre a maioria dos alunos é 'classe média' e 'classe média alta', havendo poucas exceções de classes abaixo da 'classe média', o que não condiz com a classe dominante do bairro de Canasvieiras que é, em sua maioria, de 'classe média' e 'classe média baixa'.

Mesmo sendo uma escola institucionalizada há pouco tempo a Educação Física é de certa forma privilegiada, pois a escola contém um parque para o ensino infantil, uma quadra descoberta polivalente, uma sala de informática moderna para pesquisa e estudos teóricos e um bosque aos fundos do colégio.

Essa investigação teve como prática analisar as aulas de Educação Física ministradas por um profissional qualificado e capacitado para tal função. No total foram observadas dez (10) aulas que somaram oito (8) horas de aulas de Educação Física.

Em um primeiro momento todas as turmas que a escola possui foram observadas de forma livre (assistemática), sem a precedência de parâmetros ou tópicos, apenas se observou a atuação do professor (profissional) de Educação Física referente aos jogos, brincadeiras e esportes e também a atuação dos alunos frente aos objetivos lançados pelo professor.

Já num segundo momento, foi elaborado um questionário semi-estruturado com tópicos onde o profissional discorreu livremente sobre os mesmos. Mais adiante a entrevista será analisada, explicada e interpretada.

4. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesse item serão analisados os dados referentes às observações das aulas realizadas na escola e o questionário aplicado ao professor de Educação Física da instituição.

4.1. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DAS OBSERVAÇÕES

Foram observadas dez (10) aulas de Educação Física realizadas nas dependências da escola.

Essas observações objetivaram uma melhor compreensão dos fenômenos que ocorrem dentro de uma aula de Educação Física, mais precisamente o comportamento do professor e dos alunos referente aos conteúdos das aulas.

4.1.1. Observação de aula do 1º ano do ensino fundamental

Esta aula teve como foco principal as brincadeiras tradicionais que tão comumente encontram-se nas aulas de Educação Física como: “caçador”, “gato e rato”, “mãe da rua”, entre outras atividades.

Basicamente o professor dividiu a aula em 3 momentos: alongamento, atividades (quantas possíveis no período de aula) e volta à calma, esta por sua vez era sempre uma atividade proposta pelos alunos, num momento de descontração e divertimento da aula.

Houve momentos durante a aula que essas brincadeiras foram modificadas de acordo com as necessidades dos alunos, algumas destas mudanças foram propostas pelos próprios alunos e o professor atendeu-as e também propôs novas mudanças.

Outro ponto interessante desta turma foi que durante a aula os alunos brincaram com os materiais que o professor trouxe para a aula e em nenhum momento o professor rompia a experimentação dos movimentos dos alunos.

O esporte aqui estava longe de ser percebido ou praticado, uma vez que segundo o próprio profissional as brincadeiras e os pequenos jogos para crianças (especialmente de 1º ao 4º ano) são mais interessantes e abrangentes, pois as crianças interagem e se experimentam no 'mundo de movimentos', estando aptas para aprender os esportes num futuro breve.

4.1.2. Observação de aula do 2º e 3º ano do ensino fundamental

Esta aula é dada para 2 turmas ao mesmo tempo devido às regras da Escola.

Mesmo sendo juntas, os alunos destas turmas eram sem dúvida os mais motivados de todo o colégio, participativos, dispersos, envolventes, cooperativos, etc.

O professor seguiu os parâmetros da aula do 1º ano enfatizando a importância das brincadeiras tradicionais. Ele costumeiramente propunha atividades que os avós e pais dos alunos brincaram na infância, resgatando dessa forma brincadeiras e jogos que outras pessoas já brincaram.

O que mais chamou a atenção foi a capacidade dos alunos de se auto organizarem, de propor atividades novas e de interagirem apesar de serem duas turmas diferentes.

O fato é que a Educação Física talvez fosse o único momento que essas turmas interagiam totalmente e com isso é importante frisar que a aula também tinha o objetivo de integrar essas duas turmas.

Um ponto isolado desta aula é que na turma havia um menino com um problema de *déficit* de atenção, porém o professor conseguiu fazer com que este aluno participasse normalmente das atividades.

Vale salientar que os alunos colaboraram muito para a criação de novas atividades, desconhecidas até para o professor ou conhecidas com outros nomes, e também colaboraram para organização da aula em andamento.

4.1.3. Observação de aula do 5º ano do ensino fundamental

Para essa aula o professor já foi mais sistemático. A proposta dele era de ensinar a bandeja do Basquetebol. Para isso o professor propôs atividades com bolas menores que fossem aos poucos introduzindo o necessário para se fazer uma bandeja.

Os alunos experimentaram seus movimentos nas atividades propostas pelo professor e à medida que fosse necessário, o professor interrompia a atividade e lançava aos alunos o que estava acontecendo e o que poderia ser feito para aperfeiçoar os movimentos para a bandeja.

Em vários momentos da aula o professor permitia que os alunos se organizassem durante as atividades para sentirem as necessidades momentâneas que eles tinham individualmente e coletivamente.

A aula seguiu nesse modelo e no fim deixou 10 minutos para que os alunos brincassem com os materiais disponíveis.

O profissional salientou que ele acompanha esse “tempo livre” para saber o que as crianças carregam de valores quando se movimentam, quais as intenções que as crianças têm ao quicar uma bola, pular sobre arcos, etc. Com isso ele interfere ou não nos movimentos dos alunos propondo novas maneiras que os alunos possam fazer movimentos com os materiais.

4.1.4 Observação de aula do 6º ano “A” do ensino fundamental

Esta aula consistia em duas aulas de 45 minutos, ou seja, ‘aula faixa’. Segundo o professor ‘aula faixa’ de certa forma prejudica, pois os alunos não são atletas para se movimentar durante 1 hora e 30 minutos seguidos.

O assunto da aula foi o passe do Futsal e a aula foi bem intensa no sentido de participação e motivação dos alunos. Muitos momentos da aula foram interessantes, obviamente pelo esporte em questão ser o Futsal, um esporte muito querido pelos alunos.

O esporte não foi tratado como competição e sim como um elemento essencial na formação integral do ser humano.

As atividades tinham como objetivo ensinar o fundamento 'passe' do Futsal, porém mesmo o professor mostrando a forma técnica correta de executar os tipos de 'passe' de Futsal ele não tirou (rompeu) a espontaneidade dos alunos com a bola.

Outros pontos 'chave' da aula foram a participação efetiva dos alunos durante todo o período, a organização e cooperação dos alunos em organizar os pequenos jogos e a riqueza de movimentos que eles possuíam.

Por fim, o professor organizou os alunos e revisou o que foi visto durante a aula e deixou os alunos à vontade para argumentarem sobre a aula.

4.1.5. Observação de aula do 6º ano “B” do ensino fundamental

Diferentemente da turma A, a aula foi desenvolvida somente com brincadeiras e pequenos jogos. O motivo para isso ocorrer foi um problema com os materiais para a Educação Física que neste dia não estavam disponíveis para aula, portanto, o professor lançou a proposta aos alunos de trabalhar a aula com jogos e brincadeiras.

Foi muito interessante, pois os alunos interagiram de uma forma muito coletiva e cooperativa. Aproveitando que o professor gostava de trabalhar jogos e brincadeiras com todas as turmas, ele fez momentos de reflexões e conversas sobre as brincadeiras antigas e como poderiam utilizar isso nas aulas.

Algumas atividades enfatizaram o contexto social dos alunos como “polícia e ladrão”, “vivo-morto”, etc. Essas brincadeiras tradicionais são importantíssimas para descobrir o contexto em que a criança está inserida e assim proporcionar vivências mais próximas da realidade.

Por fim, o professor resgatou uma brincadeira muito usada pelas crianças fora da escola, o “esconde-esconde”, utilizou todo o espaço que a escola fornecia para as crianças brincarem e antes que a atividade iniciasse o professor ressaltou a importância das brincadeiras tradicionais como conteúdo dentro das aulas de Educação Física.

4.1.6. Observação de aula do 7º ano do ensino fundamental

Esta aula teve algumas diferenças em relação às outras turmas. As principais diferenças que chamaram a atenção foram que ao invés de Futsal o esporte trabalhado foi o Basquetebol e novamente a bandeja.

Mesmo com o desenvolvimento de gestos técnicos para ensinar a bandeja o professor não deixou de lado as brincadeiras e os jogos que são um forte aliado para o ensino dos esportes. Ele enfatizou que ao brincar com uma bola e ao passar em volta de um cone o aluno naturalmente descobre suas capacidades e seus limites.

Um fato interessante desta aula que não foi encontrada em nenhuma outra observação foi o momento que o professor interrompeu a aula para falar sobre a importância de mentalizar¹ os movimentos antes de executá-los.

A competição, a concorrência e o rendimento em nenhum momento apareceram na aula e isso se deve à formação do profissional voltada para o ensino dos esportes com o objetivo de que os alunos aprendam a praticá-los e não a competir e se tornarem atletas.

4.2. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

A entrevista feita com o profissional de Educação Física da escola foi realizada através de um questionário semi-estruturado onde o professor discorreu sobre seis tópicos previamente selecionados de acordo com a pesquisa teórica. Os tópicos foram organizados de acordo com o contexto desta pesquisa.

As observações (já expostas e analisadas nesta pesquisa) de todas as aulas da instituição escolar também foram fundamentais para a elaboração dos tópicos. A entrevista contendo os tópicos, a opinião do profissional, interpretações e reflexões sobre as opiniões e diálogos com autores utilizados nesta pesquisa, são apresentados a seguir:

¹ “Pensar ≠ Mentalizar” =

Quadro 1 – Papel do professor de Educação Física

Resposta do Professor = A importância do papel do profissional está na sua intervenção na prática das atividades físicas e do movimento humano. É o responsável pelo conhecimento técnico acerca destes objetos de estudo. Além disso, assume ainda o papel de intermediação nas relações sócio-afetivas do grupo com que trabalha (equipes esportivas, turmas de Educação Física).

A valorização do profissional irá ocorrer quando o trabalho destes profissionais for bem executado, deixando de ser apenas uma recreação no ambiente escolar. O professor de Educação Física é um caso a parte dentro da escola. Existe uma referência diferente para os alunos, uma espécie de amigo.

Comumente os alunos nos surpreendem comentando que gostariam que fôssemos seu pai ou alguém mais próximo, contanto segredos e seus desejos tanto dentro como fora da escola.

Percebe-se a preocupação do professor em acrescentar algo mais para seus alunos, de que realmente se vai à escola para aprender, que a aula de Educação Física é um espaço para aprender assim como todas as outras disciplinas curriculares e que em muitas escolas a Educação Física não tem essa essência pedagógica. Com isso é importante citar Medina:

Um professor, por exemplo, precisa se comprometer com a sua visão educacional para poder desenvolver o seu trabalho eficientemente, contribuindo com o crescimento de seus alunos. Nesse sentido limitado, vale mais até aquele mestre tradicional que se utiliza de métodos considerados ultrapassados mas vocacionado para a sua missão do que aquele que, embora usando técnicas modernas de ensino, não sabe ao certo o que está fazendo. (MEDINA, 2006, p.73).

Quadro 2 – Características do professor e do aluno

R. do P. = A formação do professor depende da instituição em que estudou, mas de qualquer forma, dificilmente em quatro anos de curso o professor irá aprender com competência todos os objetos de estudo da Educação Física. A formação também não acaba com a entrega do diploma. O professor nesse caso precisa sempre se atualizar para não ficar 'viciado' em um tipo de metodologia de ensino.

A aula é o momento em que o aluno irá movimentar-se com mais intensidade, expressando-se através do movimento. Por isso é o momento tão esperado por alguns dentro da rotina escolar. Infelizmente, alguns alunos têm receio, vergonha, timidez e medo das aulas de Educação Física por conta de experiências traumáticas em algum momento da vida escolar.

Neste tópico é imprescindível comentar sobre a capacidade do professor em observar os alunos e estar atento às suas condições, como ele comentou, alguns

alunos se sentem (cada um com seus motivos) excluídos das aulas, e através das observações feitas com as turmas durante as práticas, o professor tenta sempre envolver os alunos nas atividades com o intuito de se relacionar de fato como uma turma. Nesse aspecto é válido citar Kunz, que explica dizendo que:

Para entender e utilizar no ensino o Mundo do Movimento do aluno, as formas de movimentos e jogos que formam uma reflexão da Realidade Concreta e dos movimentos tipificados pela prática do cotidiano, o professor tem também, com toda certeza, algo a aprender com os alunos, além de conhecê-los melhor.(KUNZ, 2001, p.148).

A partir da relação professor/aluno, o professor sempre tem algo a absorver da cultura do aluno e utilizar isso em suas aulas como estratégia para ensinar determinado conteúdo.

Quadro 3 – Os movimentos humanos

R. do P. = É através do movimento que o aluno irá se expressar e se relacionar com os colegas. Ainda através do movimento o aluno terá contato com atividades que tratam das capacidades como: coordenação, força, velocidade, resistência.

Não é certo que, com a carga horária semanal de aulas de Educação Física, o aluno irá desenvolver plenamente estas capacidades. O desenvolvimento pleno só será alcançado se o aluno aprender e gostar das atividades praticadas em aula e transportar estas experiências para a sua vida fora da escola, dedicando mais tempo à atividade física prazerosa que à ociosidade.

Já neste tópico, o professor acredita que os alunos têm a oportunidade de se relacionar com os demais através dos seus movimentos, estes que também são trazidos de fora para dentro da aula e devem ser utilizados no contexto da aula de Educação Física. Para complementar a idéia dos movimentos provenientes da cultura do aluno, Kunz aborda que:

O mundo vivido e respectivo mundo do movimento praticamente não são levados em consideração. Os alunos manifestam também interesses e necessidades de movimentos e jogos fora do contexto escolar. E isto, em geral, pela falta de espaço e material adequado, e até mesmo porque os mesmos não

têm o menor interesse por esta atividade. Além disto, a Educação Física não se tem preocupado em desenvolver inovações que pudessem contribuir para o desenvolvimento de movimentos e jogos no dia a dia do aluno fora da escola, que pela sua atratividade pudesse contribuir para o desenvolvimento e descoberta de um repertório cada vez maior de brincadeiras e jogos. (KUNZ, 2001, p.105).

Fica claro que o ensino da Educação Física pelo profissional entrevistado e de acordo com o autor, deve ter o caráter atrativo, obviamente que nem sempre a escola disponibilizará de espaços e materiais adequados para a prática, todavia o profissional que realmente é apto para lecionar, está consciente dessa realidade e através dos seus conhecimentos científicos consegue desenvolver uma aula de qualidade apesar das adversidades.

4 - Brincadeiras e jogos.

Procuro trabalhar os conteúdos de jogos populares e brincadeiras para que estes conteúdos não se percam no tempo. É imprescindível as crianças e os adolescentes conhecerem e experimentarem de brincadeiras que já foram “brincadas” por outras gerações.

O mais interessante nesses conteúdos é que eles não são carregados de regras como os esportes tradicionais. Cada um brinca de um jeito, de uma maneira única de brincar e é na aula que essas culturas se misturam e transformam a prática.

O professor tem o intuito de resgatar os jogos e brincadeiras da cultura tradicional, buscar aquilo que os pais e avós faziam na infância. Esse fato é muito interessante, uma vez que as brincadeiras e os jogos podem ser um auxílio à introdução do esporte transformado didático-pedagógicamente e também uma forma de não deixar extinguir os jogos e as brincadeiras tradicionais, uma vez que eles são carregados de valores e costumes que podem ser trabalhados dentro da aula de Educação Física.

As brincadeiras e os jogos vão além de reproduzi-los, e sim experimentá-los e mudá-los. Assim, Santos afirma que com isto:

Aprendemos sobre os limites e as possibilidades que temos de agir, respeitando e valorizando o trabalho corporal de nossos colegas. Nas aulas de Educação Física valorizamos os jogos que fazem parte da nossa cultura. Nos jogos nós podemos transformar as regras, adaptar os espaços para praticá-los, misturar dois ou mais jogos ao mesmo tempo, criar novos jogos entre outras coisas. (SANTOS, 2003, p.17).

5. Esporte de alto rendimento na aula de Educação Física

Os esportes mais tradicionais (basquetebol, handebol, futsal e voleibol) são mais praticados na aula devido à formação do professor conectada à uma cultura esportiva e também da própria vontade dos alunos. Os alunos gostam e pedem constantemente a prática destes esportes mencionados.

Por outro lado, se estes alunos aprendessem outras práticas, o interesse pela aula seria ainda mais despertado. É complicado também contar sempre e somente com a criatividade e improvisação do professor, a escola precisa fornecer estrutura física e materiais necessários para a prática de suas atividades.

O trabalho com as modalidades esportivas deve ser sempre contextualizado. É fundamental que o aluno pratique o voleibol na escola, por exemplo, e saiba que o time de sua cidade está disputando uma competição nacional. Também é válido que o aluno saiba que o esporte, tão valorizado atualmente, como o voleibol e futebol, já sofreu preconceitos e foi mal visto no passado.

O professor, neste tópico, fala da importância do interesse dos alunos na aula de Educação Física, os esportes são conteúdos que, através das observações feitas, parecem ser os atrativos da aula.

Assim, o profissional de Educação Física deve estar atento às condições dos alunos para que os esportes não fomentem oportunidades apenas àqueles que detêm uma certa habilidade motora. Com isso Kunz afirma que:

Atualmente, o aluno que for bem-sucedido na Educação Física escolar tem todas as chances de ser sair muito bem também na participação esportiva que acontece fora do contexto escolar. A participação bem-sucedida na Educação Física, no entanto, já requer certas pré-condições e interesses dos mesmos. As

pré-condições se reduzem especialmente nas chamadas habilidades motoras, mas também na própria constituição biotipológica bem como no condicionamento físico. (KUNZ, 2001, p.103).

Desta forma, de acordo com o próprio professor, os esportes no contexto escolar não têm o objetivo de formar atletas e sim de proporcionar vivências prazerosas para todos os alunos.

6. Como transformar os esportes do ponto de vista didático-pedagógico

Acredito na transformação do esporte dentro da escola. O esporte de alto rendimento não deve ser copiado para o âmbito escolar. Os objetivos são diferentes, a aula de Educação Física não serve para revelar talentos para esporte nacional, as regras rígidas do esporte institucionalizado devem ser flexíveis e adaptadas à realidade escolar.

A Educação Física não deve trabalhar alta performance, técnica (como objetivo central do ensino das modalidades esportivas) e muito menos a competição e a concorrência.

Na prática, foi visto realmente que o professor trabalha nessa perspectiva, que os esportes vão muito mais que simplesmente ensinar movimentos e técnicas puras. Sobre isso, Santos se posiciona da seguinte forma:

No entanto, sabemos que não é possível adotar os modelos de prática esportiva para exigir alta performance técnica dos nossos alunos, pois se fôssemos adotar como parâmetros essas técnicas de movimentos para ensinar as diferentes modalidades esportivas muitos deles sairiam frustrados e por que não dizer, traumatizados da experiência. (SANTOS, 2003, p.43).

Nessa abordagem, segundo o autor e o profissional entrevistado, as modalidades esportivas trabalhadas na aula de Educação Física devem propiciar a formação integral do ser humano, as competências físicas, obviamente, são importantíssimas, afinal também somos um corpo.

Porém, o que se mostra é que o ser humano é composto muito mais de um corpo, se é composto muito mais que um corpo, o ser humano deve ser trabalhado em

sua totalidade, nas capacidades físicas, intelectuais, afetivas, sociais, culturais, econômicas, entre outras.

5. REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DAS AULAS E DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A aula de Educação Física é sem dúvida um momento muito esperado pelos alunos, é nela que os alunos têm a possibilidade de explorar as mais variadas formas de movimentos além de interagir com a sua turma e com o profissional de Educação Física.

Dessa forma as aulas observadas sempre permitiram a exploração de movimentos, o professor auxiliava os alunos tentando satisfazer as necessidades e desejos de se movimentar dos alunos.

O professor estava sempre atento ao que ocorria nas aulas e por isso houve momentos de paralisação das aulas para reflexões e possíveis mudanças para o andamento da aula.

O que se pode refletir é que as brincadeiras e os jogos são fortes elementos na aula de Educação Física e devem ser desenvolvidos em todas as turmas, pois crianças e adolescentes gostam de brincar.

Sabe-se que a evolução da criança não se realiza de um modo regular e progressivo, mas um pouco com a evolução histórica de toda a humanidade, por “saltos qualitativos”, que se seguem a períodos de lenta maturação e são sucedidos por rupturas, com as quais o profissional de Educação Física deve estar atento e ter as estratégias para lidar com a situação.

Para isso as aulas no ensino de 1º a 4º ano (antigo primário) eram voltadas com jogos e brincadeiras explorando os materiais que a escola disponibilizava para a aula. Por outro lado, o ensino de 5º a 7º ano (antigo ginásial) o esporte aparecia, porém de forma introdutória e transformada, ou seja, com jogos que aos poucos desenvolvessem a possibilidade de executar os fundamentos dos esportes, entretanto

os esportes eram dados com perspectivas de formação humana, ensinando além de somente movimentos técnicos.

Assim o professor tem sempre a função de mediador da aprendizagem, ele deve trazer propostas que façam os alunos refletirem e sentirem que a aula pode seguir um caminho diferente ou não.

É por isso que nunca se deve ir com pressa demais, querer ganhar tempo é uma forma de chegar atrasado, é preciso que a criança possa integrar cada um de seus progressos, antes de adquirir um novo.

Para que essa capacidade de sentir as necessidades dos alunos o profissional deve estar sempre atento aos alunos e, além disso, deve estar sempre em constante formação (formação continuada).

6. CONSIDERAÇÕES E INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Ao realizar esse estudo afirmo que a Educação Física, como poucos acreditam, tem a tarefa de promover um ser humano mais completo. Esse “completo” que ressalto é aquele ser humano que não somente está apto a desenvolver qualidades técnicas e mecânicas, mas sim qualidades cognitivas e afetivas, entre as mais variadas qualidades que a Educação Física pode promover estão: cooperação, coletividade, auto-confiança, determinação, auto-organização, prazer pela atividade física, ou seja, sua formação humana.

Entretanto, para essa formação que chamei de “formação completa do ser humano” é necessário conscientizar da importância do Movimentar-se humano. Esta é uma inerente necessidade do ser humano.

Entende-se que o corpo é um propulsor da relação ser humano-mundo. Pela excessiva racionalização dos efeitos sobre o rendimento, perde-se a percepção desta necessidade e passa-se a imitar movimentos e gestos, tornando-os repetidos e sistemáticos, completamente ao contrário do que deveria ser a Educação Física escolar. Ela deve pregar princípios que façam os alunos melhor compreenderem-se quando realizam movimentos.

Assim, giram em torno de um objeto central que é o movimento humano por meio das atividades lúdicas e principalmente através do esporte, que para serem trabalhados na escola, necessitam priorizar menos o rendimento, a competição e o treinamento precoce e dar ênfase aos significados dos movimentos que cada aluno apresenta.

Então, o esporte tratado na escola como cópia irrefletida do esporte formal e de alto rendimento é apenas uma reprodução daquilo que já existe na sociedade e um fator que rompe o poder de criatividade e de reflexão dos alunos.

Por isso, a Concepção Pedagógica Crítico-Emancipatória vem somar à Educação Física, uma vez que a emancipação é entendida como um processo que media o uso da razão crítica e todo o seu agir social, cultural e esportivo, desenvolvidos pela educação.

Ao induzir à auto-reflexão, a concepção Crítico-Emancipatória deverá possibilitar aos alunos um estado de maior liberdade e conhecimento de seus verdadeiros interesses, ou esclarecimento e emancipação. Esse estado, essas possibilidades são rompidas quando o esporte é tratado como cópia irrefletida do esporte de alto rendimento.

Nessa abordagem o esporte deve ter uma proposta didático-pedagógica, ou seja, deve ser transformado para que os alunos possam vivenciar a maior quantidade de movimentos possíveis de sua cultura de movimento, explorando ao máximo as características de tudo que possa envolver uma aula de Educação Física, como: contexto social e histórico dos alunos, contexto da escola em si, entre outros.

A partir da pesquisa na escola e também com o profissional de Educação Física da mesma é possível concluir que os esportes têm uma adoração quase que unânime por parte de professores de Educação Física e pelos alunos.

As brincadeiras e os jogos são elementos que podem auxiliar antes da introdução de uma modalidade esportiva, independentemente da turma em que se vai trabalhar e que o profissional deve ser competente para ser flexível e permitir que os alunos também tenham a oportunidade de organizar as atividades e dar opiniões com a intenção de tornar as brincadeiras e os jogos mais atrativos.

Contudo, quando o esporte é tratado como cópia irrefletida do esporte de alto rendimento, os alunos têm receio, em vista que, esse tipo de esporte acaba oportunizando experiências de sucesso pela minoria.

É necessário frisar que o esporte de alto rendimento não é condenado, porém, é de suma importância destacar que na Educação Física escolar, em especial no ensino fundamental é essencial trabalhar não só o movimento técnico, mas também as questões afetivas, cognitivas, sociais entre outras. A transformação didático-pedagógica do esporte é riquíssima quando quer alcançar esses objetivos nas aulas de Educação Física.

Dessa forma vejo a Educação Física como um fenômeno de movimento, que através dele o aluno tenha a capacidade de desenvolver não só aspectos motores, porém também cognitivos, que o aluno pode e deve se relacionar com o seu mundo, esta relação do “Ser Humano-Mundo” é uma espécie de diálogo, portanto é uma das nossas melhores linguagens de se relacionar com os outros e com a natureza.

Concluo que a Educação Física tem muito a somar com dois pontos: a formação completa do ser humano (os autores utilizaram-se de: formação integral) que é composto por muito mais que um puro e simples corpo, é um corpo que se movimenta cheio de intenções e sentidos.

Os sentidos podem ser de várias raízes: cognitivas, afetivas, sociais e culturais, com isso a Educação Física tem objetivos mais amplos do que condicionar fisicamente o ser humano como: cooperação, coletividade, autodeterminação, autoconhecimento, poder de se organizar em frente à sociedade, prática de atividades físicas com intenções lúdicas e prazerosas.

Outro ponto que destaco, é a importância da Educação Física para a instituição escolar, através dela outras disciplinas e o próprio contexto escolar, podem ser trabalhados nas aulas, como Geografia, História, Ciências, Matemática, Língua Portuguesa e Estrangeira, enfim, através dos movimentos, jogos, brincadeiras e os esportes é possível trabalhar tudo isso numa aula.

Por fim, a Educação Física já conquistou muitos espaços dentro da escola, todavia ainda há muito que mudar e crescer e isso só será possível se o profissional de Educação Física tiver uma formação voltada para o ensino de ‘formação humana integral’ dos seus alunos para que eles se tornem seres humanos lúdicos e ativos e que suas atividades futuras sejam prazerosas e alegres.

7. REFERÊNCIAS

- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.3, n.2, p.282-287,1992.
- BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, ano 1, n. 1, 2002.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- _____. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, suplemento, n. 2, p. 23-28, 1996.
- _____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**. Porto Alegre. Ano VI, n.12, p.14-19, jul.2000
- KULLOCK, M.G.B. **Relações professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. 1. ed. Maceió: Edufal/Inep. v.01. 2000.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- _____. (Org.). **Didática da educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- _____. Esclarecimento e emancipação: pressupostos de uma teoria educacional crítica para a educação física. **Movimento**. Porto Alegre. Ano V, n.10, p.35-39. 1999.
- _____. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. **Motivência**. Florianópolis, v.2, n. 13, p. 63-81. 1999.
- _____. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento**. Porto Alegre. v. VI, n. 12, p. 1-13. 2000.
- _____. **Educação física ensino & mudanças**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.
- _____. (Org.). **Didática da educação física 2**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- KUNZ, Elenor; TREBELS, Andréas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- LAGING, Ralf. Escola em movimento. In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andréas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2006.
- PEREIRA, F.M; RIGO, L.C. **Educação física, esporte e escola**. Pelotas: UFPEL,1996.
- PIRES, Giovani de Lorenzi; NEVES, Annabel das. O trato com o conhecimento esporte na formação em educação física: possibilidades para sua transformação didático-metodológica. In: KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da educação física 2**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

- SANTIN, Silvino. **Educação física:** uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: UNIJUI, 1987.
- SANTOS, Sergio Oliveira dos. **Educação física:** diversidade da cultura corporal. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes:** quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUI, 1999.
- SHIGUNOV, Viktor. PEREIRA, Vanildo Rodrigues. **Pedagogia da educação física.** São Paulo: Ibrasa, 1994.
- SHIGUNOV, Viktor. **A formação profissional e a prática pedagógica:** Ênfase Nos Professores de Educação Física. Londrina: Midiograf, 2001.